

—David F. Serra, um jovem português, envia-nos de S. Paulo, Brasil, o seu primeiro livro, há pouco publicado: «A Sombra dos Maracujás—crônicas e poemas em prosa».

—Começou a publicar-se, editada pela Livraria Portugal, Lisboa, a tradução portuguesa da obra «Alma Encantada», do grande escritor Romain Rolland, de que saiu já o 1.º volume (Anita e Silvia).

—Editado pela «Seara Nova», apareceu um novo livro de João Falco: «Solidão—notas do púnho de uma mulher». Dele conhecem os leitores parte, que *Sol Nascente* publicou sob o título «De um diário velho, preambular de outro».

—Na colecção—Textos Literários—«Seara Nova» acaba de editar «As melhores poesias do Cancioneiro de Resende», prefácio e notas de Rodrigues Lapa.

—Dos «Cadernos» da «Seara Nova» recebemos: «Polémica e Abstenção», por José Bacelar; «Sete teses do positivismo lógico examinadas criticamente», por William Henry Werkmeister (trad. de Vitorino Magalhães Godinho); «História da electricidade», por Paulo Barros; «Rabindranath Tagore», por Bento de Jesus Caraça e «Ascensão, Poderio e Decadência da Burguesia», por Emílio Costa.

—Mota da Costa é o autor do livro «7.ª Arte—elementos de técnica cinematográfica», edições «Cosmos»—Lisboa.

—Preguntamos uma leitora quais as mulheres que obtiveram o prémio Nobel de Literatura. Respondemos: A primeira a ser premiada foi a escritora sueca Selma Lagerlof. Obras principais: «Lenda de Gosta Berling» e «A maravilhosa história de Nils Holgerson» (para crianças).

Sigfrid Undest, outra romancista nórdica, obteve também o prémio Nobel. A sua obra principal, «Kristina Svransdotter», atingiu na Noruega mais de duzentos mil exemplares de tiragem. A crise moral por que passou há alguns anos ocasionou-lhe a sua conversão ao catolicismo tendo as suas obras passado do domínio social para o místico.

Em 1926 este prémio foi conferido à novelista italiana Grazia Deledda. Obras principais: «Elsa Petrolú», «O Caminho do Mal», «No deserto», etc. Por último, foi Pearl S. Buck que o ano passado ganhou o referido prémio. A nossa leitora poderá consultar, em vários números atrasados, referências à obra desta escritora americana.

crítica

Recordações do Minho Arcaico de Abel Salazar

Quando a nós, a mais ampla ou mais restrita localização do quadro geográfico de qualquer obra artística é uma questão que nada tem a ver com o seu valor. O interesse universal que possa despertar não está na razão directa (nem em qualquer outra razão) do seu enquadramento espacial. As múltiplas facetas da vida da humanidade de hoje tanto nos podem ser comunicadas pelos aspectos que revestem nos meios *ultra-civilizados* como através de manifestações que, por serem *regionais*, nem por isso implicam menor actualidade. É que, para além da dispersidade das formas, projecta-se o conteúdo dos mesmos dramas humanos. Por isso assistimos hoje, nas regiões mais distantes, em que as populações estão mais vinculadas ao solo nacional através das tradições (na Geórgia, no Urzberkistão, na Índia, no interior do Brasil), ao florescimento de literaturas susceptíveis de interesse universal.

Cada vez se vão tornando mais artificiais as fronteiras da incompreensão e do isolamento que dividem os povos das diversas regiões e dos vários países. A nossa civilização niveladora, este progresso material que, revelando-se ainda, mercê de circunstâncias de transição, até certo ponto, ruinoso, vai contudo criando condições para um futuro de maior fraternidade, irmana os homens de todas as línguas e todos os costumes, levando-os a pensar a mesma luta sobre a base da mesma realidade que sucessivamente se vai alargando.

É isto que, apesar de tudo, faz com que o mundo dos camponeses de Fontamara seja o dos camponeses de Portugal e o dos vagabundos de Gorky o dos nossos vagabundos.

Com isto pretendemos demarcar as condições em que uma literatura regionalista pôde elevar-se acima do próprio meio. No entanto, Abel Salazar não nos dá—nem o pretende—o ambiente social, de relação, da vida minhota dos nossos dias.

«Recordações do Minho Arcaico» não nos fala directamente dum progresso a que o autor chama «dissolvente e cínico» e que veio criar conflitos com as praxes tradicionais da existência, nos meios rústicos minhotos. Encara-os, antes, através duma realidade que ainda hoje se pode observar, como resíduo dum Minho

arcaico que, em muitos dos seus aspectos, vai desaparecendo. A. S., dá-nos a evocação poética, a desolação agónica duma velha estrutura social que, por toda a parte, se dilui ante a definição convulsiva de novas formas de vida.

E surgem perante nós a imagem do *vêlo solar* que se vai derruindo com a morte dos últimos fidalgos, antigos templos românticos solitários, «ao sol e à chuva», «no seu canto perdido», *diligências* cujo uso se abandonou definitivamente, o *campo santo moribundo*, *candelas* e *lareiras* que vêm da nossa infância e vão morrendo na penumbra dos lares...

É o mesmo fenómeno que Anatole France descreveu na «Bretanha», através da evocação de antigos usos e lendas, de muitos que iam desaparecendo, com aquela consciência poética da decadência que o levou a exclamar: «Oh! a infinita tristeza da agonia dos deuses»...

Ao que depreendemos, a posição em que Abel Salazar geralmente se coloca perante os personagens do seu livro é a que atribui a Luiz de «A moleirinha», a propósito das mulheres: «...as mulheres eram para Luiz, no campo, o complemento indispensável da paisagem; os seus cânticos, os seus trajas, as suas alegrias e os seus amores orquestravam na sinfonia da natureza, ao lado das flores rústicas, dos frutos, das águas e da luz, como um complemento indispensável da alma e da vida íntima dos quadros naturais». Dum lado a psicologia individual; do outro a natureza. Entre os dois, elementos do folclore tradicional.

Mas, nas últimas páginas, A. S. deixa entrever a evolução que sofre o Minho de hoje, o aparecimento da nova classe dos «artistas», o choque da sua mentalidade com a dos «patégo», as fábricas... «Alastram os bairros operários, ácidos e crus, na sua monotonia proletária. Neles se agita a massa anémica dos operários, a um tempo resignada e em comêço de revolta. E sobre as veigas mineiras do Minho arcaico em agonia, pempassa agora em áspero frémito vibrante, que faz arripiar as agulhas dos pinheiros, o silvo dilacerante das fábricas que ulvam como

monstros»... Ficamos assim às portas dum novo mundo, surgindo das ruínas do «Minho arcaico», que hoje se impõe à nossa consideração e estudo. É nele que está em germen a semente do futuro. E a importância essencial do fenómeno reside no facto de não ser meramente local e ter raízes mais fundas do que as limitações regionais, na identidade de condições que, em toda a parte, se vão estabelecendo.

Mas o que sobretudo em «Recordações do Minho Arcaico» há são quadros breves mais pintados do que descritos uns, mais sentidos do que vistos outros. Toda a obra oscila, nas suas linhas gerais entre estes dois polos:—o pictórico e o poético.

No primeiro sentido, Abel Salazar recorre a um impressionismo literário, dando-nos através das tonalidades da luz, da sombra, dos reflexos do sol e da cor pequenos quadros que constituem outros tantos documentos para a compreensão da sua grande personalidade artística, porque mais se diriam apontamentos para pintura do que descrições literárias. Assim «A romaria», «A ermida solitária», «A roça» e «Bouça Minhota».

No campo poético, o autor transmite-nos as suas vibrações emotivas sobre aspectos dum Minho arcaico e decadente, as suas perplexidades ante a natureza ou a poesia simples dos espíritos populares. Tais são, por exemplo, «A candelas», «Inverno», «O Gezez a distância» e «Campo Santo Moribundo».

Não se julgue, porém, que a A. S. falta vigor descritivo suficiente para dar-nos quadros duma realidade flagrante, mormente quando *pinta* (e digo ainda *pinta*, porque, neste particular, nos recorda Millet) o esforço heróico e brutal do homem em contacto com a terra de que é escravo através das formas sociais. «Besta de canga», «O Escravo», «Roça», são do melhor que há no livro. Raramente em língua portuguesa se terá atingido uma tal força na descrição. De superior, no género, só conhecemos «Os Ceifeiros» de Flalho de Almeida.

Quando, em trechos mais extensos, como «Manoela» e «Maria Antónia», A. S. se abalança em narrações de acção (e fá-lo, talvez por isso, poucas vezes), sente-se que o es-

(Continua na página catorze)

Três livros que cabem bem dentro de uma única nota crítica de conjunto, não porque sejam idênticos, mas antes porque de certo modo são antagónicos. A melhor crítica do primeiro está no segundo e a melhor crítica deste reside no terceiro. São três livros pequenos, cujas publicações foram intercaladas por mínimas diferenças cronológicas, escritos sob os mesmos acontecimentos históricos, mas por três homens que sintetizam no seu conjunto a confusão cultural da nossa época de transição, oferecendo-nos cada um a imagem da vida e da cultura dos seus contemporâneos mais próximos, isto é, daquele número de homens ao qual vulgarmente se chama: uma geração. É o profundo abismo que separa esses livros e esses homens, a maneira específica de cada um pensar, sentir e agir, que constitui a utilidade cultural de se escrever sobre eles uma nota crítica de conjunto.

Thomas Mann, o genial romancista alemão, que escreveu «A Montanha Mágica», profetiza, já depois de Setembro de 1938 e do pacto de Munique, o triunfo final da democracia. Expulso do seu país, a maior figura viva da literatura alemã, escreve da América do Norte, onde procurou o exílio, mais um livro saturado de idealismo, que vale sobretudo, como marca de fidelidade de um homem, pelos ideais que lhe acalentaram o sonho renovador da sua mocidade e da sua cultura. Já no «L'avisement à l'Europe», Mann nos tinha dado, em profundidade e com verdadeiro entusiasmo polémico, a sua posição de idealista, de democrata e de cristão, frente à angústia da hora que atravessamos. Mann julga a catástrofe inevitável, mas acredita que superada a crise, a sua ideologia cristã-democrata surgirá incólume, pura e verdadeira dos escombros da civilização soterrada, embora afirme que os alicerces espirituais e o *substractum* básico da «civilização ocidental» em crise são precisamente os princípios ideológicos cristãos-democráticos. Bem sabemos que a lógica idealista, porque despreza o movimento histórico, não enxerga o paradoxo que a visão dialéctica nos mostra. Perante o embate com a realidade, isto é, perante a contradição evidente, flagrante e actual, estabelecida entre a realidade—conjunto das forças económicas e sociais—e a degradação dos valores ideológicos abs-

la victoire final, de la democratie Thomas Mann; l'équinoxe de septembre, H. Montherland; cronique de septembre, Paul Nizan.

tratos e decadentes—desmentidos pelo movimento da realidade,—o que é todo o mapa da crise dos nossos dias, Mann *crê, acredita, sonha*, com o ressurgimento desses valores, esquecendo-se que a realidade se «realiza» para cada vez mais longe deles, no sentido da incompatibilidade. Mann esquece o devir histórico e o movimento dialéctico da realidade, despreza as forças que separam os ideais eternos da essência temporal da vida. A história não se repete porque se movimenta, a cadeia do acontecer vital não se desata, isto é, o evoluir vital é permanentemente, mas é o evoluir e jámais a própria realidade. Quere dizer, os ideais eternos e imortais—de essência de perene permanência, imutáveis—são incompatíveis com a realidade que se traduz precisamente no contrário: permanente mutação. Do antagonismo surgirá um novo estado, que jámais será o anti-quietamento das condições económicas e históricas, mas sim antes porvir de novas super-estruturas ideológicas resultantes da vigência de uma nova estrutura económico-social. Eis porque, visto por nós, o livro de Mann é um livro angustiante, que nos revela a impotência dos homens cultos da sua geração, que vivem embalados na quimera, no sonho, na utopia. É um livro cruel porque não é um grito individual, mas a posição dos homens responsáveis da sua idade, perante a realidade histórica da sua época.

Na Europa, como na América, os homens de mais de quarenta anos, portanto aqueles que já se realizaram completamente pelo pensamento, pela acção ou pela arte, estão com Thomas Mann. São os políticos militantes, sobretudo os governantes, quer usem rótulos conservadores: um Anthony Eden, um Chamberlain, um Halifax, um Tardieu; quer usem, ou tenham usado, os rótulos da frente popular: um Daladier, um Reynaud, um

Bonnett, um Atlee ou um Herriot, etc., etc. A América, onde a democracia é o regime político indiscutível e «inatacável», vive também na mansão do idealismo, sobretudo porque não atravessa a crise económica da Europa. Aos idealistas de nada lhes serve a «experiência» histórica da nossa própria época, a pesar de lhes tocar tão de perto, a pesar de os afligir com toda a sua brutalidade. Desprezam-na em princípio, creem misticamente no milagre das ideias. Alguns já poderiam conhecer ou pelo menos reconhecer—visto que são idealistas—o enorme poder das forças económicas e sociais, porque são suas vítimas pessoais, porque vivem esmagados pelo seu condicionalismo brutal em frente do qual os princípios imaculados do idealismo se declararam—nos momentos críticos—em falência fraudulenta. Mann é um desses, Benédite e Paderewsky são outros dois. Para lá da política militante, mas situados no mesmo plano cultural, estão todos os literatos responsáveis dessa geração, assim como os lídimo representantes de todas as religiões. As forças religiosas organizadas vivem hoje sob um acôrdo tácito, talvez único na história das religiões, previsto e elaborado pela orientação do pontificado de Pio XI e formulado em toda a clarividência pelo Cardinal Verdier e pelos representantes de várias outras religiões, quando do Congresso Eucarístico de Marrocos. Na encruzilhada histórica da nossa época os idealistas reuniram-se numa frente única, cuja acção consiste em acreditar na milagrosa ressurreição das ideias puras, que foram desmentidas e depravadas pelas condições materiais da vida. Há na luta desses homens qualquer coisa que nos comove, que supera, quando as analisamos simpaticamente, a sua consciência de classe profundamente enraizada em quadros éticos e sociais que perderam o seu primitivo conteúdo: é a seriedade e o heroísmo com que se batem contra os traidores das suas instituições e a profunda confiança que depositam na impotência de tal seriedade e de tal heroísmo.

A geração de post-guerra deu-nos a sua interpretação ao momento actual, através do livro de Montherland: *L'équinoxe de Septembre*, que é bem um livro de um homem que saiu da guerra. A recor-

—O poeta e autor dramático alemão Ernst Toller, segundo notícia de 23 de Maio, foi enforcado. Tinha 46 anos, era mutilado da guerra e toda a sua vida foi um exemplo de energia e actividade. Em 1938, numa conferência realizada na Associação Internacional dos Escritores Para a Defesa da Cultura, afirmou: «A responsabilidade do escritor reside no facto de se sentir impedido a destruir as mentiras sedutoras e a proclamar a verdade, a despeito de todas as hostilidades...»

—Um apelo dirigido ao 3.º Congresso dos escritores americanos, e que é assinado por imensos escritores e escritoras, declara que a defesa da cultura, sob todas as suas formas, é inseparável da luta contra todas as forças destruidoras do progresso. Ora se alguém se deixou levar pelas pretensões separações do Sr. Gaspar Simões, que tendem a colocar o escritor à margem do progresso ou contra ele, pedimos-lhe que pense sinceramente na afirmação dum apelo que pertence a intelectuais como Upton Sinclair, Harvey O'Connor, Carl Van Doren, etc.

—«Curieuse époque» é o título dum volume recente de Georges Rotvand sobre o cruel mundo actual. Inventário das realidades mais desconcertantes e simultaneamente um livro que é um técnico. 18 fr. Ed. Denoel.

—A mesma editorial oferece-nos também «Scopies» par René Brehat que é um testemunho e um protesto importantes (18 fr.).

—J'ai honte de mendier é o sugestivo título de um livro de Shelle Cousins, que a N. R. F. acaba de publicar. A autora, que conta nesta obra a sua própria experiência da prostituição, foi impedida de publicar a edição original do seu livro na Inglaterra, em virtude de uma rancorosa campanha de dois grandes jornais: o «Daily Mail» e o «Daily Mirror».

(Continua na página seguinte)